

**ASSOCIAÇÃO PSICANALÍTICA
DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
aPErj – RIO 4**

SUPLEMENTO CIENTÍFICO

Nº 8 - Junho/2006

EDITORIAL

O Sonho de uma luta

QUANDO INICIAMOS TÍNHAMOS, APENAS, UM SONHO: PENSÁVAMOS EM JUSTIÇA E ÉTICA. NOSSA LUTA NOS CONDUZIU A SONHAR SEMPRE, MAIS E INTENSAMENTE. A TODOS, IMPUNHAMOS-NOS E CONTRARIÁVAMOS QUANDO SE OPUNHAM AO NOSSO SONHAR. LOGO SOUBEMOS QUE A REALIDADE IRIA NOS TESTAR. QUANTO ÀS NOSSAS BELAS IDÉIAS SOBRE TODAS AS PRÁTICAS QUE ACREDITÁVAMOS INACEITÁVEIS - AOS NOSSOS SOLARES OBJETIVOS.

NADA NOS FAZIA SOÇOBRAR, E POR ISSO ENTRE NÓS DISCUTÍAMOS MUITO E SEMPRE. ARDUAMENTE. PORTÁVAMO-NOS COMO GLADIADORES DE UMA FÉ PROFUNDA EM NOSSO SONHO, CONTRA OS RESISTENTES DEFENSORES DE UMA ORDEM QUE NÃO ACREDITÁVAMOS COMO SOLUÇÃO.

A REALIDADE NOS IMPUNHA DORES E GRANDE DIFICULDADES EM CONTINUAR, O QUE PARA MUITOS ERA, APENAS, LOUCURA. COMO CONTINUAR: PERGUNTÁVAMO-NOS MUITAS VEZES. PORÉM COMO O SONHO NÃO SE REDUZ PELAS IMPOSIÇÕES DA REALIDADE, CONTINUAMOS COM SOLUÇÕES INUSITADAS E SURPREENDENTES A NÓS MESMOS.

FAZÍAMOS DO IMPOSSÍVEL UMA NOVA POSSIBILIDADE E ASSIM CONTINUÁVAMOS - APESAR DE NÓS MESMOS. NOSSO SONHO RESISTIA ÀS NOSSAS PRÓPRIAS INCERTEZAS E INCOERÊNCIAS. E ASSIM CONTINUAMOS, INTENSAMENTE, CONFLITADOS.

NOSSAS EXPECTATIVAS AOS POUCOS SE REALIZARAM, MESMO COM AS ADVERSIDADES COSTUMEIRAS.

NOSSOS ALGOZES, PORQUE NÃO PODIAM OU NÃO SABIAM SONHAR, FORAM CEDENDO ÀS NOSSAS IMPERTINENTES EXIGÊNCIAS.

ADIANTE, ACEITARAM ALGO (?), PORÉM RESISTINDO AO CONTEÚDO DO NOSSO SONHO? DEBATÍAMOS, ENTÃO, SE NÃO DEVÍAMOS RECEBER E CAPITULAR AQUELA REALIDADE. MAS NOSSO SONHO RESISTIA AO QUE PARECIA TÃO PODEROSO.

PENSAMOS EM DESISTIR, ACREDITANDO QUE A LUTA EMPREENDIDA POR NÓS NÃO FOSSE DEVERAS IMPORTANTE.

INSUSPEITAMENTE NOSSO SONHAR CONTINUAVA, APESAR DE NOSSAS DÚVIDAS; DE ALGUMA FORMA, NOSSO SONHO NOS IMPUNHA SEMPRE O DESTINO DO QUESTIONAMENTO, ACERCA DAS FRAGILIDADES DE NOSSOS ANTAGONISTAS.

AOS POUCOS, NOSSO SONHO FOI SE REALIZANDO, COM FORMAS E SOLUÇÕES QUE, SEMPRE, DESCONFIÁVAMOS.

NESSE MOMENTO, ALCANÇAMOS MUITO DO QUE SONHÁVAMOS. PORÉM NOSSO SONHO RESISTE E NOS IMPÕE NOVAS CONQUISTAS, FRENTE OUTRAS REALIDADES. TÃO ANTAGÔNICAS QUANTO AS ANTERIORES.

SONHAR É POSSÍVEL, A QUEM AMA SEU SONHO, E SE DISPÕE A LUTAR A LUTA IMPOSSÍVEL.

OUSAR LUTAR, OUSAR VENCER!

CONTINUEMOS A SONHAR.

CLAUDIO CAMPOS

AVISOS

Estudos sobre supervisão - comunicação preliminar

Um dos aspectos que se destacou em nosso estudo diz respeito à escolha do supervisor oficial. Como observa Fédida, há uma costumeira tendência a escolher, como 1o. supervisor, um profissional com quem o candidato se identifica pessoalmente, numa expectativa mais ou menos consciente de encontrar acolhimento e empatia. O 2o. supervisor, por outro lado, seria um profissional cuja forma de trabalho pode ser diferente e até por vezes antagônica à do candidato, representando dessa forma outros aspectos que o candidato poderia vir a encontrar em sua convivência com a comunidade analítica.

A nosso ver repetir-se-ia na supervisão, portanto, um aspecto observável no desenvolvimento emocional infantil, qual seja, inicialmente a busca de fusão com um primeiro objeto - e a respectiva maternagem -, seguida por um segundo momento de abertura de perspectivas e opções, possibilitada pelo corte e entrada de um terceiro que traz a diferença. Trata-se, naturalmente, de uma "especulação provocativa", buscando atrair atenções para um tema tão importante.

Eliana Lobo

- **XXVI Congreso Latinoamericano de Psicoanálisis**

El Legado de Freud a 150 años de su nacimiento

Lima-Perú, Octubre 05-08, 2006

Maiores informações: www.fepal2.org

TRABALHOS

Conceito de sexualidade infantil no pensamento de Freud

A **sexualidade infantil** é um dos pilares da teoria do pensamento de Freud. Normalmente a criança evolui naturalmente para o desenvolvimento sexual, que se faz psicologicamente completo aos 5 ou 6 anos. Se em algum momento da sua trajetória ela sofre uma frustração, ou seja, tenha sido impedida de atender aos seus impulsos sexuais pela educação, ela fará uma retenção desta sexualidade. Um conflito entre o prazer obtido pela sua sexualidade e a educação, pode momentaneamente desenvolver uma neurose que pode resolver-se naturalmente, como consequência do seu desenvolvimento numa interação mais real com o ambiente.

Se o desenvolvimento sexual da criança sofrer uma parada no seu caminho para a sexualidade genital, ela perderá importantes cotas da sua sexualidade, que ficarão retidas nestas etapas infantis. Este seqüestro acarretará no indivíduo, uma perda quantitativa de sexualidade que é necessária para as atividades prazerosas, compatíveis com as etapas do seu desenvolvimento.

Por outro lado, estas retenções se fariam presentes no dia a dia buscando o prazer com as características e exigências da etapa que as originou.

A presença da sexualidade infantil que não foi integrada a sexualidade genital do indivíduo, constitui o que Freud chamou de **neurose**, que é um conflito entre a expressão da sexualidade e a proibição que não é externa mas que é sentida e vivida como se fosse.

Não foi a toa que Freud disse que os neuróticos sofrem de reminiscências. Nada mais é do que a presença disfarçada da sexualidade infantil que se faz presente nas reações atuais das pessoas, nas escolhas de companheiros ou companheiras, na maneira de lidar e valorizar os seus bens, de lidar com o dinheiro, e em muitas outras atividades corriqueiras da vida.

Os ciúmes incompreensíveis bem como as irritações e explosões de raiva são a mola propulsora que geram respostas emocionais incompatíveis com os estímulos da realidade. Pode no entanto ser bem delimitada como uma patologia: as **neuroses de transferência ou seja a histeria de conversão, de angústia (fobias) e a neurose obsessiva**.

Vemos aí outro pilar da teoria do psiquismo de Freud, que vem a ser o "**Complexo de Édipo**". Este complexo tem sido tão bem explorado em filmes, literatura, teatro, etc...

O terceiro pilar que completa e interage com os anteriores, é o que diz que nós não só sofremos das reminiscências da nossa infância, como também das que herdamos dos nossos antepassados, desde o início da nossa civilização. É o que Freud chamou de "**herança filogenética ou arcaica**", que nada mais é do que o conflito de nossos antepassados com o pai primitivo e a maneira como ele foi resolvido.

Este conflito, mola propulsora do nosso psiquismo, vai se fazer presente agora no cenário da nossa história pessoal. É a mesma história com personagens diferentes.

Esta é a história que se apresenta nos nossos consultórios, que cria o ambiente para que ela se passe no aqui e agora da relação analítica, no "ao vivo e a cores".

Para Freud somos “**herdeiros de uma culpa**”, que é vivida como uma verdade que nos limita. Porém se ela for resolvida numa situação analítica, pela “dissolução do complexo de Édipo”, seremos “absolvidos” da culpa de uma história.

Passamos a ter posse de uma sexualidade que estava retida e que agora está a disposição para o gozo dos prazeres da vida sem ameaças e punição.

Na mesma época surgiu uma teoria que procurava explicar o psiquismo à partir das relações objetais. Seu autor, Ferenczi, foi um dos discípulos mais prezados e rebeldes de Freud. A teoria por ele criada, fundamenta seus princípios sobre o funcionamento do psiquismo, nas relações da criança com sua mãe. A patologia seria então uma consequência da qualidade desta relação. A patologia seria contemporânea do indivíduo.

Esta teoria encontrou em Winnicott, Kohut e outros a base para desenvolver e levar adiante a idéia do desenvolvimento de um psiquismo baseado nas relações de objeto.

Para mim, a metapsicologia freudiana se contrapõe, sem antagonizar, à **teoria das relações de objeto**.

O adoecer contemporâneo versus o adoecer herdado de Freud.

O conflito com o pai versus as falhas na relação com a mãe.

Criam-se técnicas, estratégias e objetivos que são diferentes no seu manuseio na clínica, mas que enriquecem os terapeutas com novos instrumentos para o entendimento dos seus analisandos, desde que sejam respeitadas as diferenças básicas.

Luiz Antônio Telles de Miranda
Membro da Rio 4 – Sociedade Componente da IPA

Síntese entregue ao jornalista Gustavo da Notisa como possível matéria comemorativa dos 150 anos do nascimento de Freud.

Søren Aabye Kierkegaard

Página de Filosofia Contemporânea
escrita por Rubem Queiroz Cobra
(Site original: www.cobra.pages.nom.br.)

I - Época

II - Vida

Infância

Formação

Maturidade

Obras

Últimos anos

I - Época:

A época em que viveu o filósofo dinamarquês Søren Aabye Kierkegaard foi, inicialmente, um período de grande crise política e militar sofrida por seu país, em consequência das guerras napoleônicas. Somente na idade madura do filósofo, a Dinamarca veio a sair do atraso econômico causado pelos conflitos. Graças a uma política liberal que aboliu o trabalho obrigatório do camponês para os nobres seus senhores (regime medieval de servidão), e aboliu a monarquia absolutista, o país foi, aos poucos, foi se transformando em país industrializado e não apenas agrícola. Uma juventude universitária liderada pelo estudante Martin Lehmann, exigiu essas reformas liberais, e uma geração de intelectuais jovens, entre eles Kierkegaard, motivou que os meados dos anos 1800 fossem também chamados "idade de ouro" da literatura dinamarquesa. Kierkegaard viveu a maior parte de sua vida no reinado de Frederico VI, porém o período mais produtivo de sua maturidade transcorreu sob os reinados sucessivos de Christian VIII e Frederico VII.

II - Vida

Infância. Søren Aabye Kierkegaard nasceu em Copenhague, Dinamarca, a 5 de maio de 1813 e cresceu num ambiente de devoção religiosa luterana. Seus pais procediam da península da Jutlândia, a parte continental da Dinamarca. Michael Pedersen Kierkegaard, o pai de Søren, era um homem de vontade forte, argüidor e argumentativo, autodidata por meio de muitas leituras, e muito voltado para questões espirituais. De origem humilde, porém havia se tornado rico e influente em seu meio social. Sua casa era ponto de reunião de líderes religiosos e políticos do seu tempo. Pertencia à corrente religiosa dos pietistas de Herrnhuter. Sofria ataques periódicos de depressão porque, devido a uma blasfêmia proferida quando jovem, não acreditava na salvação de sua alma.

A mãe de Kierkegaard, Anne, foi a segunda esposa de seu pai, o qual não tivera filhos da primeira mulher. Seu ingresso na casa foi como uma jovem empregada doméstica, que o pai de Kierkegaard engravidou antes de desposar, fato que contribuiu para aumentar ainda mais para ele o peso de suas culpas. Enquanto Kierkegaard escreveu muito em seus diários a respeito do pai, ele raramente escreveu sobre sua mãe. Ela morreu quando Kierkegaard tinha 21 anos.

Formação. A influência do pai sobre personalidade de Kierkegaard e sua obra tem sido sempre salientada. Ele foi o filho mais novo de sete irmãos. Quando nasceu, seu pai tinha 56 anos e sua mãe 45, razão de ele dizer que era um filho da velhice.

Uma importante anotação que Kierkegaard fez em seu diário, quando tinha vinte e cinco anos, a respeito do que ele chamou "Grande terremoto", revela o quanto a influência de seu pai foi perturbadora, em sua vida. Refere-se ao abalo que sofreu ao compreender o que acontecera ao pai e as conseqüências do acontecido para toda a família. Quando jovem, seu pai fora ajudante de administrador de uma fazenda na Jutlândia. Revoltado com as privações de sua vida de camponês, subiu ao alto de uma colina e amaldiçoou solenemente a Deus. Logo depois um tio seu, negociante de artigos de lã em Copenhague, chamou-o para o negócio. A partir daí o pai havia prosperado como negociante de roupas, tornando-se um homem rico: dono de 5 casas na capital que milagrosamente escaparam do bombardeio da cidade pelos ingleses em 1807. Também salvou-se da recessão e falência do estado em 1813, ano do nascimento de Søren, porque investiu em títulos de seguro tudo que tinha em dinheiro. Foi tão bem sucedido que pode aposentar-se com apenas quarenta anos. Viveu confortavelmente até os 82 anos, quando faleceu. No entanto, em suas crises de melancolia, sentia que o favorecimento do seu sucesso e sua longevidade haviam sido uma ironia, e na verdade vingança de Deus. Cinco de seus filhos morreram prematuramente, incluindo sua primeira esposa, e estava certo de que os dois filhos restantes haveriam de morrer quando chegassem à idade da morte de Cristo.

Como o pai, Søren Aabye sofria de persistente melancolia. Pesava sobre a família o temor das conseqüências do pecado do pai, e lhe pareceu que a morte de seus cinco irmãos era sinal de vingança divina, e que ele próprio haveria de morrer muito jovem. Um sinal desse temor foi o quanto Kierkegaard escreveu, prolificamente, no ano que antecedeu a marca de seus trinta e quatro anos de idade. Acreditava que a família estava amaldiçoada, e que seu pai haveria de ministrar os últimos sacramentos a todos os filhos. Tinha saúde precária e por isso fora rejeitado pelo exército como incapaz. Rompeu relações com o pai, vindo a reconciliar-se com ele só bem mais tarde, pouco antes de perde-lo em 1838.

Desanimado, rejeitou a vida burguesa que o pai lhe havia preparado e que seu irmão mais velho, o pastor Peter, abraçou. Misturou-se aos jovens de seu tempo e entregou-se a uma vida dissipada. Ele porém não herdou apenas a melancolia do pai, seu sentimento de culpa e ansiedade, sua religiosidade pietista escrupulosa, mas herdou também seu talento para argumentação filosófica e uma imaginação criativa. Foi para a universidade de Copenhague estudar teologia, mas mudou para filosofia. Sofreu influência dos prof. Paul Martin Moller e Frederik Christian Sibbern: ambos detestavam filosofia sistemática e usavam romances de ficção para expor seus pensamentos filosóficos. Juntou-se aos intelectuais do romantismo, os quais buscavam viver intensamente seus sentimentos, em contraste com a superficialidade e rotina tediosa da vida burguesa. Porém, sofreu com os críticos literários que o ridicularizavam. Tudo isto confirmou os ensinamentos do pai, que giravam em torno dos sofrimentos de Cristo, de que a verdade (o próprio Cristo) se estabelece mediante sofrimentos, de que o mundo é governado por mentiras e injustiças. A mágoa lhe trouxe o grande desgosto pela humanidade de que estão impregnados quase todos os seus trabalhos.

A morte do pai (1838) ensejou grande mudança no comportamento de Kierkegaard, a partir de então marcado por súbito amadurecimento. O velho deixou para os dois filhos

sobreviventes, Søren Aabye e seu irmão mais velho, Peter, uma fortuna considerável, que permitiu ao filósofo passar o resto da vida escrevendo, sem qualquer preocupação financeira. Então ele retornou aos estudos de teologia na universidade de Copenhague e dois anos depois concluiu o mestrado.

Maturidade. Kierkegaard viveu solteiro e um dos grandes acontecimentos de sua vida foi justamente romper um noivado, ao mesmo tempo que a grandeza de sua obra nasceu praticamente das racionalizações filosóficas e românticas formuladas por ele para justificar para si mesmo e para a sociedade sua renúncia. Ele conheceu em 1837, Regine Olsen (1822-1904), em casa de amigos que fora visitar. Ela pertencia a uma família abastada de Copenhague e tinha 14 anos, idade núbil para as moças daquela época, e Kierkegaard não tinha como rejeitá-la, face ao interesse que despertou na jovem. Viu-se levado ao noivado três anos depois, em 1840, um evento com grande repercussão devido à grande projeção social de sua família e da família de sua noiva. Quando não suportou mais a situação, Kierkegaard rompeu o noivado subitamente e embarcou para a Alemanha. Porém, procurou fazer que todos pensassem que ele fora rejeitado por Regina, a fim de que, segundo ele, a reputação da noiva nada sofresse. Ficou seis meses em Berlim.

Em uma das referências que faz ao seu caso com Regine, diz: "Se eu houvesse explicado as coisas para ela, eu teria que lhe ensinar coisas horríveis, meu relacionamento com meu pai, sua melancolia (devido à maldição), a noite eterna que me cobre, meu desespero, luxúria, e excessos"...etc. Porém não muito depois Kierkegaard ficou sabendo que Regine estava noiva de Johan Frederik Schlegel (1817-1896), que tinha sido instrutor dela. De repente Kierkegaard viu que nada, com respeito à aquele caso, tinha a importância que ele pensava ter. Em 1854, um ano antes da morte de Kierkegaard, o casal mudou-se para as Índias Ocidentais Dinamarquesas onde Schlegel foi governador. O filósofo, quando morreu em 1855, estava já pobre. Mas o que lhe restava deixou para Regina.

Em Berlim Kierkegaard assistiu as aulas de Friedrich Wilhelm Joseph Schelling (1775-1854). Ele maravilhou-se com os brilhantes ataques de Schelling ao hegelianismo então em moda.

Obras. Em suas obras, Kierkegaard lançou os fundamentos do existencialismo a corrente que depois receberia a contribuição de Heidegger e Sartre, e fez vasto uso de pseudônimos para uma finalidade muito especial: eles representam, não ele próprio, mas personagens com pontos de vista e atitudes próprias. Estabelece uma dialética entre esses personagens, ou seja, entre dois ou mais pseudônimos seus. Deste modo, um livro assinado com um pseudônimo responde a outro livro, assinado com outro pseudônimo. O Pseudônimo Johannes Climacus trata do dilema entre a dúvida e a fé. Vigilius Haufniensis ocupa-se dos aspectos psicológicos do pecado e da ansiedade. Johannes de Silentio e Constantin Constantius ocupam-se da ética, a partir dos aspectos envolvidos no relacionamento de Kierkegaard com Regine Olsen. Anti-Climacus é o cristão ideal, etc. O seu propósito não era o anonimato mas desvincular sua personalidade dos assuntos polêmicos de que tratava.

Os escritos de Kierkegaard, consignados ao período de sua juventude (1834-1842) e depois impressos, incluem um artigo sobre a emancipação da mulher, outro sobre a liberdade de imprensa escrito para a Liga dos Estudantes, e principalmente sua primeira obra publicada: "Dos papéis de alguém ainda vivo".

Na relação a seguir, a tradução dos títulos para o português foi feita a partir das versões em inglês. São ainda obras desse período:

Om Begrebet Ironi med stadigt Hensyn til Socrates ("O Conceito de ironia, com referência continua até Sócrates"), 1841. Foi sua tese e o assunto é, na primeira parte, a ironia de Sócrates - como aparece em Platão -, de Xenofonte e de Aristofanes, com uma parte sobre Hegel; e na segunda parte, a ironia em Fichte, von Schlegel, e outros.

"Notas das aulas de Schelling em Berlim" (1841-42) que são anotações de diário sobre seus estudos na Alemanha, publicadas postumamente.

"Confissão pública", 1842, que apareceu com seu próprio nome desautorizando boatos de que era o autor de artigos assinados com pseudônimos. Ele era de fato o autor, mas era essencial para a dialética autoral que queria criar, que se desvinculasse da autoria desses artigos.

Enten-Eller. Et Livs-Fragment: Første Deel, indeholdende A.'s Papirer ("Ou.../ou: Um fragmento de vida: Primeira Parte, contendo os papeis de A") e

Enten-Eller. Et Livs-Fragment: Anden Deel, indeholdende B.'s Papirer, Breve til B, ("Ou.../ou: Um fragmento de vida: Segunda Parte, contendo os papeis de B, Cartas para B"), são de 1843. As duas partes da obra referem-se aos dois tipos de vida que Kierkegaard concebe: estética e ética. A primeira parte é uma coleção de trabalhos apresentando vários pontos de vista estéticos. A parte segunda é sobre o casamento como uma expressão do estágio ético. "Victor Eremita" é o editor das duas partes as quais, têm, cada uma, seu próprio autor. "A", o Jovem, é o autor da primeira parte, e "B", ou "Juís William", o autor da segunda parte. Kierkegaard tomou cuidados especiais para que o público não soubesse que era ele o autor, ao ponto de fazer os originais serem copiados por mãos diferentes, de modo que os empregados da gráfica não o identificassem pela caligrafia. Esmerando-se em extremo nessa farsa, publicou, uma semana após o lançamento do livro, um artigo seu no "A Pátria", com o pseudônimo "A. F." onde ele próprio indaga "Quem é o autor de Ou.../Ou...?" São também de 1843:

"Uma palavra de Agradecimento ao Professor Heiberg", por Victor Eremita. Aquele era uma grande figura da literatura na Dinamarca;

"Pequena Explicação", um pequeno artigo escrito também em referencia a pseudônimos por ele adotados, tal como "Quem é o autor de Ou.../Ou...?" e "Confissão Pública".

Johannes Climacus, eller De omnibus dubitandum est. En Fortælling ("Johannes Climacus, ou de omnibus dubitandum est. Uma narrativa"), também de 1843, de publicação póstuma, é um trabalho filosófico em que "Johanes Climacus", na sua busca da verdade filosófica, duvida de tudo, explorando o modelo cartesiano e hegeliano. "Johannes Climacus" será também o autor de ("Fragmentos filosóficos") e a outra obra vinculada, ("Post-scriptum não científico conclusivo"). Este pseudônimo representa a autoria dos maiores trabalhos filosóficos de Kierkegaard.

Em 1843 também inicia a série Atten Opbyggelige Taler ("Dezoito Discursos edificantes") que irá de 1843-45. Está dividido em três seções. A primeira contem o popular "Pureza do Coração é querer uma coisa"; a segunda é "O que aprendemos dos lírios do campo e das aves do céu"; a terceira é "O evangelho dos sofrimentos". Foi publicado por partes: Duas em 1843; três, em 1843; quatro, em 1843; duas, em 1844; Três, em 1844; Quatro, em 1844)

Frygt og Bæven: Dialectisk Lyrik ("Temor e Tremor: um lírico dialético"), também de 1843. O pseudônimo é "Johannes de Silentio". Nesta obra Kierkegaard trata do seu rompimento com Regine na mesma perspectiva em que vê o sacrifício de Abraão e Isaac: obediência a um dever, mas que exige um ato não ético. Nesta perspectiva Kierkegaard aborda uma interessante questão: um julgamento moral pode ser suspenso em virtude de um poder maior. Ele exemplifica com o episódio em que Abraão recebe de Deus a ordem de matar Isaac. ("Temor e Tremor") (1843). O problema que ele coloca é se existem situações nas quais a ética pode ser suspensa por uma autoridade maior, Deus, que é a essência de tudo que é ético.

Gjentagelsen: Et Forsøg i den experimenterende Psychologi ("Repetição, uma especulação em psicologia experimental"). De 1843, é uma narrativa filosófica com considerações a respeito da impossibilidade do compromisso entre dois amantes, situação como a criada por ele próprio com sua noiva Regine Olsen. O pseudônimo é "Constantin Constantius", um poeta que escreve sobre o estágio ético, como um jovem amante que só pode amar sua amada depois deixá-la e somente "poeticamente".

Philosophiske Smuler eller Smule Philosophi ("Fragmentos filosóficos, ou um fragmento de filosofia"), Johannes Climacus, é de 1844. Kierkegaard nesta obra inicia a abordagem de um tema que irá concluir em "O conceito de ansiedade". É uma tentativa de apresentar o cristianismo como deveria ser para que tenha algum sentido. Busca particularmente apresentar o cristianismo como uma forma de existência que pressupõe a vontade livre, sem a qual tudo fica sem sentido.

Begrebet angst. En simpel psychologisk-paapegende Overveielse i Retning af det dogmatiske Problem om Arvesynden ("Conceito de Angustia: uma simples deliberação psicologicamente orientadora a respeito do problema dogmático do pecado original"), de 1844, no qual Kierkegaard examina a doutrina cristã do pecado original e sua relação com a angústia e ansiedade. A liberdade causa ansiedade. Vigilius Haufniensis é o autor; Haufniensis significa "vigilante", no caso, da cidade de Copenhague, como se Kierkegaard se sentisse responsável pela guarda da sua cidade aparentemente sob todos os aspectos de seu bem estar.

Forord. Morskabslæsning for enkelte Stænder efter Tid og Leilighed ("Prefácios: leitura leve para pessoas em vários estados de acordo com o tempo e a oportunidade"), Nicolaus Notabene, foi também publicado em 1844. Uma série de ensaios e críticas satíricas visando o sociedade literária de Copenhague, principalmente a figura de J. L. Heiberg. São oito prefácios referentes a oito trabalhos não existentes. "Nicolaus Notabene", um personagem pedante, é o autor.

Tre Taler ved tænkte Leiligheder ("Três Discursos sobre ocasiões imaginárias"), de 1845. Este trabalho acompanhou o Stadier paa livets vei ("Estágios no caminho da vida"). Cada um dos três discursos representa os três estágios ou condições de existência: a estética, a ética e a religiosa: "Um confissão", "Um casamento", e "Ao lado de uma sepultura".

Stadier paa Livets Vei. Studier af Forskjellige. Sammenbragte, befordrede til Trykken og udgivet af Hilarius Bogbinder ("Estágios no caminho da vida: estudos por várias pessoas, compilado, encaminhado à imprensa, e publicado por Hilarius Bookbinder") É um complemento a ("Ou.../Ou...") de 1845, e discute a mesma questão do estético e do ético,

acrescentando porém o estágio religioso da existência. O editor é "Hilarius Bookbinder" A primeira parte, chamada "In Vino Veritas" ou "O banquete," é assinada por "William Afham" - Afham significa "por si mesmo" e está calcada no Symposium de Platão: trata dos mesmos assuntos -- amor, Eros, sexo, mulheres -- com um amargo sarcasmo e profundo desdém pelas mulheres em geral. "Frater Taciturnus" assina o texto do estágio religioso.

"Uma explicação e um pouco mais", de 1845, pequeno artigo que, como "Uma pequena Explicação" e "Quem é o autor de Ou.../Ou..." é outra tentativa de Kierkegaard de guardar distância da autoria de seus trabalhos.

En flygtig Bemærkning betræffende en Enkelthed i Don Juan ("Uma observação superficial sobre um detalhe em Don Giovanni"). É um artigo publicado no jornal A pátria em 1845 no qual volta ao assunto relativo à ópera Dom Giovanni de Mozart, tratado inicialmente no ("Ou.../Ou...")., O autor é "A", que foi o autor de um artigo muito anterior ("Uma outra defesa das grandes habilidades da mulher").

Afsluttende Uvidenskabelig Efterskrift til de philosophiske Smuler. Mimisk-pathetisk-dialektisk Sammenskrift, Eksistentielt Indlæg ("Post-scriptum não científico conclusivo ao Fragmentos Filosóficos. Uma compilação Mímico-patético-dialética, uma contribuição existencial"), de 1846, faz a abordagem subjetiva do conhecimento. Kierkegaard novamente sustenta a necessidade de se aproximar da verdade subjetivamente, porém sem negar a verdade objetiva, apenas dizendo que a verdade objetiva somente pode ser conhecida e apossada subjetivamente. Como o título anuncia, é uma continuação ao "Fragmentos Filosóficos". Saiu assinado por Johannes Climacus.

"A atividade de um esteticista viajante e como aconteceu de ele ainda pagar pelo jantar" é um artigo publicado por Kierkegaard no Fædrelandet ("A Pátria"), em 1845; foi o primeiro de dois artigos atacando P. L. Møller e "O Corsário", que havia inescrupulosamente e negativamente criticado o "Estágios do caminho da vida" de Kierkegaard. Em fins de dezembro de 1845, no seu anuário de estética Gæa, 1846. Kierkegaard retaliou revelando que Møller escrevia secretamente para o Corsaren ("O Pirata"). Este era um semanário humorístico mal afamado, que satirizava pessoas de respeito, e era considerado desprezível, porém lido reservadamente por muita gente. Seu editor era Meir Goldschmidt (1819-1887), bem mais novo que Kierkegaard, e que este considerava talentoso. A intenção de Kierkegaard com o seu artigo foi dupla: desacreditar Møller e afastar Goldschmidt do "O Pirata", porque acreditava que Goldschmidt era capaz de coisas de mais valor. O resultado foi péssimo para Kierkegaard, pois "O Pirata" se lançou em uma campanha para metê-lo no ridículo, caricaturando-o de vários modos, no que foi a maior comoção literária do século XIX na Dinamarca.

Det dialektiske resultat af en literair Politi-Forretning ("Resultado dialético de uma ação policial literária"), Frater Taciturnus, de 1846, é o segundo de dois artigos que escreveu atacando O Pirata como jornal como corrupto e difusor de boatos.

En literair Anmeldelse: To Tidsaldre, Novelle af forfatteren til En Hverdags-Historie udgiven af J. L. Heiberg, ("Duas épocas: a época da revolução e a época presente, uma revisão literária: ") de 1846 uma longa crítica do romance de Thomasine Christine Gyllembourg-Ehrensward,

intitulado "Duas Épocas". A crítica deu margem a uma polêmica, devido a Kierkegaard achar que sua época era de reflexão, faltava paixão.

Opbyggelige Taler i forskjellig ("Discursos edificantes em vários temas"), de 1847

Kjerlighedens Gjerninger. Nogle christelige Overveielser i Talers Form ("Escritos de Amor: Algumas deliberações cristãs sob a forma de Discursos"), de 1847. Longa abordagem do preceito cristão "amar o próximo como a si mesmo". Está claro que Kierkegaard estava se movendo na direção de uma ainda maior austeridade no seu pensamento religioso, e nos trabalhos que ele agora produzia, particularmente Kjerlighedens gjerninger, retratava um cristianismo rígido e mais descompromissado que em qualquer de suas outras obras.

Hr. Phister som Captain Scipio (i Syngestykket Ludovic): En erindring og for Erindringen ("O Sr. Phister como Capitão Scipio (na ópera cômica Ludovico): uma recordação e para recordar"), de 1848, comentário sobre a atuação do ator Joachim Ludvig Phister's (1807-1896) como Capitão Scipio, que demonstra o interesse de Kierkegaard pelo teatro. "Procul" é o autor.

Krisen og en Krise i en Skuespillerindes Liv ("A crise e uma crise na vida de uma atriz") de 1848, são especificamente a respeito da competência interpretativa da atriz Johanne Luise Pätges Heiberg (1812-1890), mulher de Johan Ludvig Heiberg, uma figura exponencial da literatura e da sociedade dinamarquesa. O pseudônimo utilizado por Kierkegaard é "Inter et Inter".

Christelige Taler ("Discursos cristãos"), de 1848, neste Kierkegaard entende que seus pecados foram perdoados e esquecidos por Deus.

Bogen om Adler, eller en Cyclus ethisk-religieuse ("O livro sobre Adler, ou um ciclo de ensaios ético-religiosos") por Afhandlinger, de 1846-47, revisado em 1848, foi publicado postumamente. Um pastor hegeliano radical, Adolf Adler afirmava ter tido uma visão em que Cristo ditara integralmente para ele um trabalho inteiro, porém confessa depois que sua revelação fora um erro, que ele pretendia que a obra fosse um trabalho de gênio. Kierkegaard explora as categorias de genialidade e inspiração.

Tvende ethisk-religieuse Smaa ("Dois pequenos Ensaios Ético Religiosos") incluindo ("Tem o homem o direito de se deixar matar pela verdade?") e ("Diferença entre um gênio e um apóstolo"). Este trabalho, escrito 1847, foi publicado em 1849. Kierkegaard não publicou "O Livro sobre Adller" mas utilizou parte dele para tratar de martírio e as categorias de genio e inspiração nos dois artigos desse folheto, assinados com o pseudônimo Afhandlinger H. H..

Den Enkelte"; Tvende "Noter" betræffende min Forfatter ("O indivíduo singular ":Duas "Notas" relativas ao meu trabalho como um autor"), Virksomhed, 1846-47, com post-scriptum de 1849 e 1855, publicado postumamente em 1859. Foi o primeiro de três trabalhos que Kierkegaard escreveu em 1848, a respeito de sua atividade autoral mas foi publicado postumamente em 1859

Synspunktet for min Forfatter-Virksomhed. En ligefrem Meddelelse, Rapport til Historien ("O ponto de vista para meu trabalho como um autor. Uma comunicação direta, notícia para a História"), foi outro desses três trabalhos de 1848, a respeito de sua atividade autoral,

também publicado postumamente em 1859. Kierkegaard escreveu esse trabalho para explicar todo o seu método autoral, mas o deixou sem publicar porque lhe pareceu muito auto elogioso.

Om min Forfatter-Virksomhed 1848-49 ("Sobre meu trabalho como um autor 1848-1849"), suplemento, 1850, publicado em 1851.

Den væbnede Neutralitet eller Min Position som christelig Forfatter i Christenheden ("Neutralidade armada, ou minha posição como um autor cristão na cristandade"), 1848-49, publicado postumamente em 1880. Este pequeno trabalho é importante porque poderá ser a mais direta e clara afirmação da posição de Kierkegaard sobre a Igreja e a cristandade. Tem estilo diferente do utilizado nos panfletos contra a cristandade que apareceram ao final de sua vida.

Lilien paa Marken og Fuglen under Himlen: Tre gudelige Taler ("Os lírios do campo e as aves no céu: três discursos devocionais"), 1849, são artigos que apareceram quase um ano depois de sua experiência religiosa de 1848 e tem o tom semelhante ao do "Discursos Cristãos".

Sygdommen til døden. En christelig psykologisk Udvikling til Opbyggelse og Opvækkelse ("A doença para a morte: uma exposição psicológica cristã para edificar e alertar"), de 1849, livro que é peça associada ao "Conceito de Ansiedade" e também é um trabalho de psicologia, que vai mais longe que suas primeiras considerações psicológicas sobre a ansiedade. Neste Kierkegaard considera os aspectos espirituais da angústia. Considera a ansiedade relacionada ao que é ético, e a angústia ao que é religioso, ou seja, ao eterno. "Anti-Climacus" é o autor; com este pseudônimo Kirkegaard assinou seus mais importantes trabalhos na linha religiosa, personificando o cristão perfeito. "Anti-Climacus" é do mais alto nível enquanto "Climacus", ao contrário, personifica um cristão de menor valor.

Tre Taler ved Altergangen om Fredagen ("Três Discursos sobre a comunhão às sextas-feiras"), 1849. Este trabalho contem: "O sumo sacerdote" "O publicano " e "A mulher apanhada em pecado", este último baseado em Lucas. São semelhantes aos "Discursos Cristãos". Estes trabalhos são acompanhados por uma breve explicação sobre o recurso a pseudônimos adotado anteriormente por Kierkegaard.

Indøvelse i Christendom ("Prática cristã"), Anti-Climacus, de 1850. Ele pretende mostrar meios pelos quais o verdadeiro cristianismo pode ser reintroduzido na Cristandade, pois esta afastou-se do cristianismo do Novo Testamento. O trabalho é polêmico e homiliético. Foi também um ataque dissimulado aos chefes da igreja dinamarquesa.

En Opbyggelig Tale ("Um discurso edificante"), 1850

Foranlediget ved en Ytring af Dr. Rudelbach mig betræffende ("Carta aberta, provocada por uma referencia a mim feita pelo Dr. Rudelbach")1851, refere-se a uma proposta de reforma da Igreja feita por A. G. Rudelbach contra a qual Kierkegaard, apesar de desejar essa reforma, objeta que Rudelbach sugeriria instrumentos políticos para a reforma, quando o necessário era uma demolição com reconstrução espiritual.

To Taler ved Altergangen om Fredagen ("Dois discursos sobre a comunhão às sextas-feiras, escrito em 1849, publicado em 1851.

Til Selvprøvelse. Samtiden Anbefalet ("Para o exame de consciência: recomendado para a época presente") 1851, busca reorientar o leitor para Deus. É densa espiritualidade em todas as suas três partes: "O que é necessário para se olhar a si mesmo com verdadeira benção no espelho do mundo?", "Cristo é o caminho" e "É o espírito que dá a vida".

Dømmer Selv! Til Selvprøvelse, Samtiden Anbefalet. Anden Række ("Julgue por si mesmo! Para o exame de consciência, recomendado para a época presente. Segunda série")1851, publicado postumamente em 1876. Está estreitamente vinculado ao "Para o exame de consciência", acima, e é sobre o sofrimento e imitação de Cristo.

Vários artigos no "A Pátria" (um total de 21), publicados em 1854 e 1855, nos quais dirige pesados ataques à igreja oficial por ter erradicado o verdadeiro cristianismo, e por tê-lo substituído por uma religião do Estado.

Dette skal siges; saa være det da sagt ("Isto precisa ser dito, logo, deixa que seja dito") Esse folheto de 1855 foi publicado depois da série de artigos saídos no "A Pátria". Nele Kierkegaard alega que a igreja é tão corrupta que é melhor não frequentá-la.

Øieblikket ("O momento") editado no ano de 1855. Depois dos artigos publicados no "A Pátria" Kierkegaard publicou dez folhetos, cada um contendo vários artigos seus, todos continuando seu ataque à Igreja Oficial.

Hvad Christus Dømmer om officiel Christendom , ("O que Cristo pensa do Cristianismo oficial"), de 1855. Esse folheto foi publicado logo depois que Kierkegaard começou a publicar o Øieblikket ("O Momento"). Kierkegaard ataca outra vez a igreja oficial chamando os clérigos de livre pensadores e perjuros por não cumprirem seus votos sagrados.

Guds Uforanderlighed. En Tale ("A imutabilidade de Deus: Um discurso") Publicado em 1855, em meio a seu ataque à Igreja.

Além dessas obras, Kierkegaard deixou cartas e documentos, alguns reunidos depois em obras póstumas, e na publicação em vários volumes Søren Kierkegaards Papirer (Papeis de Kierkegaard), primeira parte, os datados de 1834-47, e segunda parte, de 1848-55, restando milhares de notas de interesse religioso, pessoal ou histórico, a serem ainda aproveitadas.

Ultimos anos. Após a querela com os hegelianos, Kierkegaard torna-se um reformador religioso. Por volta de 1854 Kierkegaard estava convencido de que Deus o autorizava a atacar asperamente a igreja dinamarquesa e seu clero, o que ele começou logo a fazer com uma série de pequenos livros e panfletos e até com um periódico chamado "O Momento", de cujos números ele foi o único colaborador. Em 21 artigos no "A Pátria", em 1854 e 1855 ele faz um duro ataque à igreja oficial, como já referido, por ter erradicado o verdadeiro cristianismo, e por tê-lo substituído por uma religião do Estado. Intolerante com a hipocrisia, critica os que fingiam espiritualidade enquanto agiam segundo interesses mundanos. Considerava tais pessoas um produto da cultura cristã: o indivíduo cauteloso, respeitável, imperturbável, um cavalheiro da classe média. E sentiu-se chamado por Deus para a tarefa especial de mostrar aos seus concidadãos a verdadeira natureza do Cristianismo.

A igreja da Dinamarca era estatal e a religião luterana a religião oficial do Estado. Bastava nascer no país para ser automaticamente cristão. Kierkegaard alegava que isto reduzia a nada

a possibilidade de uma verdadeira conversão radical a Cristo. O cristianismo deve ter por fundamento a vontade livre, sem a qual tudo perde o sentido.

O pastor local, um verdadeiro funcionário público, representava a Coroa e por isso, além da prática de suas funções especificamente religiosas, também era quem coleta impostos, realizava os recenseamentos, fazia o recrutamento militar, mantinha os registros civis nos livros da igreja, supervisionava as escolas, e cuidava da assistência aos pobres, e era o presidente do Conselho Municipal, além de cuidar de seus próprios interesses, muitas vezes a maior fazenda das vizinhanças. As questões políticas e os rancores misturavam-se facilmente com os assuntos religiosos, gerando escândalos.

Atacou o Bispo Jacob Pier Myster, um prelado culto e secularizado, por juntar o hedonismo de Goete com os sofrimentos de Cristo. Não chegou a criticá-lo abertamente, pois o bispo era seu amigo e havia sido o orientador espiritual de seu pai. Porém, com a morte de Myster em 1854, atacou publicamente o bispo que o sucedeu, Hans Lassen Martensen (1808-84), um hegeliano, pregador na corte, o qual Kierkegaard não respeitava.

Morte. As tensões daqueles dois anos da sua campanha afetaram sua saúde. Em outubro de 1855 Kierkegaard caiu inconsciente na rua, e ficou com paralisia das pernas. Levado ao Hospital, era visitado ali diariamente pelo amigo Pastor Boesen, tendo proibido a entrada de seu irmão Peter, do qual divergia pelas razões mesmas da sua campanha. Não quis receber a comunhão, para não recebê-la das mãos de um pastor da Igreja Luterana que ele disse devia ser abandonada, uma vez que Deus estava sendo desrespeitado em suas igrejas. Após internado 40 dias, veio a falecer

Seu enterro foi acompanhado por um multidão engrossada por estudantes que fizeram a guarda de seu corpo. O Pastor Peter, seu irmão, fez a oração fúnebre na "Frue Kirke", a mais importante igreja de Copenhague, e que logo cedo ficou lotada. Muitos protestaram por ter o corpo sido trazido à Igreja, por acharem que a igreja nacional não devia se imiscuir, em respeito à oposição que lhe havia feito o filósofo.

Rubem Queiroz Cobra

REVIVENDO O FEITICEIRO DAS PALAVRAS – GUIMARÃES ROSA. CABOCLO UNIVERSAL

Tiros que o senhor ouviu foram de briga de homem não, Deus esteja. O senhor ri certas risadas... Olhe: quando é tiro de verdade, primeiro a cachorrada pega a latir, instantaneamente - depois, então, se vai ver se deu mortos. O senhor tolere, isto é o sertão. Uns querem que não seja: que situado sertão é por os campos-gerais a fora a dentro, eles dizem, fim de rumo, terras altas, demais do Urucaia. Toleima. Para os de Corinto e do Curvelo, então, o aqui não é dito sertão? Ah, que tem maior! Lugar sertão se divulga: é onde os pastos carecem de fechos; onde um pode torar dez, quinze léguas, sem topar com casa de morador; e onde um criminoso vive seu cristo-jesus, arredado do arrocho de autoridade. O Urucaia vem dos montões oeste. O gerais corre em volta. Esses gerais são sem tamanho. Enfim, cada um o que quer aprova, o senhor sabe: pão ou pães, é questão de opiniões... O sertão está em toda parte.

Grande Sertão: Veredas

Vivo no infinito; o momento não conta. Vou lhe revelar um segredo: creio já ter vivido uma vez. Nesta vida também fui brasileiro e me chamava João Guimarães Rosa

Quando escrevo, repito o que já vivi antes. E para estas duas vidas, um léxico só não é suficiente. Em outras palavras, gostaria de ser um crocodilo vivendo no rio São Francisco. Gostaria de ser um crocodilo porque amo os grandes rios, pois são profundos como a alma de um homem. Na superfície são muito vivazes e claros, mas nas profundezas são tranquilos e escuros como o sofrimento dos homens.

"Às vezes, quase acredito que eu mesmo, João, seja um conto contado por mim."

Que nasci no ano de 1908, você já sabe. Você não deveria me pedir mais dados numéricos. Minha biografia, sobretudo minha biografia literária, não deveria ser crucificada em anos. As aventuras não têm princípio nem fim. E meus livros são aventuras; para mim são minha maior aventura.

Em 1967, João Guimarães Rosa seria indicado para o prêmio Nobel de Literatura. A indicação, iniciativa dos seus editores alemães, franceses e italianos, foi barrada pela morte do escritor. A obra do brasileiro havia alcançado esferas talvez até hoje desconhecidas. Quando morreu, em 19 de novembro de 67, Guimarães Rosa tinha 59 anos. Tinha-se dedicado à medicina, à diplomacia, e, fundamentalmente às suas crenças, descritas em sua obra literária. Fenômeno da literatura brasileira, Rosa começou a escrever aos 38 anos. Depois desse volume, escreveria apenas outros quatro livros. Realização, no entanto, que o levou à glória, como poucos escritores nacionais. Guimarães Rosa, com seus experimentos lingüísticos, sua técnica, seu mundo ficcional, renovou o romance brasileiro, concedendo-lhe caminhos até então inéditos. Sua obra se impôs não apenas no Brasil, mas alcançou o mundo.

"A beleza aqui é como se a gente a bebesse, em copo, taça, longos, preciosos goles servida por Deus. É de pensar que também há um direito à beleza, que dar beleza a quem tem fome de beleza é também um dever cristão."

Grande Sertão: Veredas

Três dias antes da morte, Guimarães Rosa decidiu, depois de quatro anos de adiamento, assumir a cadeira na Academia Brasileira de Letras. Homem de temperamento emotivo e sensível, foi traído pela emoção. Os quatro anos de adiamento eram reflexo do medo que

sentia da emoção que o momento lhe causaria. Ainda que risse do pressentimento, afirmou no discurso de posse: "...a gente morre é para provar que viveu."

Joãozinho, como era chamado pela família, nasceu em 27 de junho de 1908, em Cordisburgo, cidadezinha mineira próxima a Curvelo e Sete Lagoas, área de fazenda e engorda de gado. Viveu lá durante dez anos. João era filho de Floduardo Pinto Rosa e de Francisca Guimarães Rosa. O casal teve outros 5 filhos. Todos depois de João.

"Não gosto de falar em infância. É um tempo de coisas boas, mas sempre com pessoas grandes incomodando a gente, intervindo, estragando os prazeres. Recordando o tempo de criança, vejo por lá excesso de adultos, todos eles, os mais queridos, ao modo de policiais do invasor, em terra ocupada. Fui rancoroso e revolucionário permanente, então. Gostava de estudar sozinho e de brincar de geografia. Mas, tempo bom, de verdade, só começou com a conquista de algum isolamento, com a segurança de poder fechar-me num quarto e trancar a porta. Deitar no chão e imaginar histórias, poemas, romances, botando todo mundo conhecido como personagem, misturando as melhores coisas vistas e ouvidas."

Aos seis anos, Guimarães Rosa leu o primeiro livro, em francês, LES FEMMES QUI AIMENT. Aos dez anos, vai para Belo Horizonte, morar com o avô. Está no ginásio, e frequenta a mesma escola que Carlos Drummond, o futuro amigo.

 "Ficamos sem saber o que era João
 e se João existiu
 de se pegar"
 Carlos Drummond de Andrade

Até ingressar na Faculdade de Medicina, João Guimarães Rosa obtém licença para frequentar a Biblioteca da Cidade de BH, dedicando o seu tempo, além dos estudos, às línguas, à História Natural e aos Esportes. Em 1930, formado, o médico vai exercer a profissão em Itaguara, onde fica por dois anos. Guimarães revela-se um profissional dedicado, respeitado, famoso pela precisão dos seus diagnósticos. O período em Itaguara influi decisivamente em sua carreira literária. Para chegar aos pacientes, desloca-se a cavalo. Inspirado pela terra, costumes, pessoas e acontecimentos do cotidiano, Guimarães inicia suas anotações, colecionando terminologias, ditos e falas do povo, que distribui pelas histórias que já escreve.

"Quanto mais ando, querendo pessoas, parece que entro mais no sozinho do vago..." - foi o que pensei na ocasião. De pensar assim me desvalendo. Eu tinha culpa de tudo, na minha vida, e não sabia como não ter. Apertou em mim aquela tristeza, da pior de todas, que é a sem razão de motivo; que, quando notei que estava com dor-de-cabeça, e achei que por certo a tristeza vinha era daquilo, isso até me serviu de bom consolo. E eu nem sabia mais o montante que queria, nem aonde eu extenso ia.

Grande Sertão:Veredas

Nos tempos da Faculdade, Guimarães Rosa dedica-se também à literatura. Levado pela necessidade financeira, escreve contos para a revista O Cruzeiro. Concorre quatro vezes, em todas sendo premiado com cem mil réis. Na época, escreve friamente, sem paixão, preso a moldes alheios. Em 32, ano da Revolução Constitucionalista, o médico e escritor volta a Belo Horizonte, servindo como voluntário da Força Pública. A partir de 34, atua como oficial médico em Barbacena. Paralelamente, escreve. Antes que os anos 30 terminem, ele

participa de outros dois concursos literários. Em 1936, a coletânea de poemas MAGMA recebe o prêmio de poesia da Academia Brasileira de Letras. Um ano depois, sob o pseudônimo de VIATOR, concorre ao prêmio HUMBERTO DE CAMPOS, com o volume intitulado CONTOS, que em 46, após uma revisão do autor, se transformaria em SAGARANA, obra que lhe rendeu vários prêmios e o reconhecimento como um dos mais importantes livros surgidos no Brasil contemporâneo. Os contos de Sagarana apresentam a paisagem mineira em toda a sua beleza selvagem, a vida das fazendas, dos vaqueiros e criadores de gado, mundo que Rosa habitara em sua infância e adolescência. Neste livro, o autor já transpõe a linguagem rica e pitoresca do povo, registra regionalismos, muitos deles jamais escritos na literatura brasileira.

Quando a gente dorme, vira de tudo: vira pedras, vira flor. O que sinto, e esforço em dizer ao senhor, repondo minhas lembranças, não consigo; por tanto é que refiro tudo nestas fantasias. Dormi nos ventos. Quando acordei, não cri: tudo o que é bonito é absurdo - Deus estável. Ouro e prata que Diadorim aparecia ali, a uns dois passos de mim, me vigiava. Sério, quieto, feito ele mesmo, só igual a ele mesmo nesta vida.

Grande Sertão: Veredas

"Chegamos novamente a um ponto em que o homem e sua biografia resultam em algo completamente novo. Sim, fui médico, rebelde, soldado. Foram etapas importantes de minha vida, e, a rigor, esta sucessão constitui um paradoxo. Como médico, conheci o valor do sofrimento; como rebelde, o valor da consciência; como soldado, o valor da proximidade da morte."

Duas coisas impressionavam o Guimarães Rosa médico: o parto e a incapacidade de salvar as vítimas da lepra. Duas coisas opostas, mas de grande significado para ele. Segundo a filha Wilma - que lançou na década de 80 o livro RELEMBRAMENTOS, GUIMARÃES ROSA, MEU PAI, uma coletânea de discursos, cartas e entrevistas concedidas pelo escritor -, ele passava horas estudando, queria aprender, rapidamente, a estancar o fluxo do sofrimento humano. Logo constatou que seria uma missão difícil, se não impossível. A falta de recursos médicos e o transbordamento de sua emotividade impediram que ele prosseguisse a carreira de médico. Para a filha, João Guimarães Rosa nasceu para ser escritor. A medicina não foi o seu forte, nem a diplomacia, atividade a que se dedicou a partir de 1934, levado pelo domínio e interesse por idiomas. Rosa tinha conhecimento profundo de húngaro, russo e chinês, além de falar alemão, inglês, francês, romeno e italiano, entre outras línguas. O conhecimento de línguas estrangeiras seria um aliado de Guimarães Rosa, especialmente no que diz respeito à tradução da sua obra, já que o escritor mineiro se notabilizou pela invenção de vocábulos, além do registro da linguagem sertaneja brasileira, inacessível a tradutores estrangeiros.

O homem nasceu para aprender,
aprender tanto quanto a vida lhe permita.

Em 38, Guimarães Rosa é nomeado cônsul adjunto em Hamburgo, permanecendo na cidade até 42. Durante a Segunda Guerra, passa por uma experiência que detona seu lado supersticioso. É salvo da morte porque sentiu, no meio da noite, uma vontade irresistível, segundo suas palavras, de sair para comprar cigarros. Quando voltou, encontrou a casa totalmente destruída por um bombardeio. A superstição e o misticismo acompanhariam o escritor por toda a vida. Ele acreditava na força da lua, respeitava curandeiros, feiticeiros, a umbanda, a quimbanda e o kardecismo. Dizia que pessoas, casas e cidades possuíam fluidos positivos e negativos, que influíam nas emoções, nos sentimentos e na saúde de

seres humanos e animais. Aconselhava os filhos a terem cautela e a fugirem de qualquer pessoa ou lugar que lhes causasse algum tipo de mal estar. Seguindo a missão diplomática, Guimarães Rosa serve, em 42, em Baden Baden; de lá, vai para Bogotá, onde fica até 44. O contato com o Brasil, no entanto, era freqüente. Em 45, vai ao interior de Minas, rever as paisagens da infância. Três anos depois, é transferido para Paris.

1946. "Eu ando meio febril, repleto, com um enxame de personagens a pedirem pouso em papel. É coisa dura e já me assusta, antes de pôr o pé no caminho penoso, que já conheço".

O calor do dia abrandava. Naqueles olhos e tanto de Diadorim, o verde mudava sempre, como a água de todos os rios em seus lugares ensombrados. Aquele verde, arenoso, mas tão moço, tinha muita velhice, muita velhice, querendo me contar coisas que a idéia da gente não dá para se entender - e acho que é por isso que a gente morre. De Diadorim ter vindo, e ficar esbarrado ali, esperando meu acordar e me vendo meu dormir, era engraçado, era para se dar a feliz risada. Não dei. Nem pude nem quis. Apanhei foi o silêncio dum sentimento, feito um decreto:

- Que você em sua vida toda toda por diante, tem de ficar para mim, Riobaldo, pegado em mim, sempre!... - que era como se Diadorim estivesse dizendo.

Grande Sertão: Veredas

Entre outubro e novembro de 1949, Guimarães Rosa e a mulher Aracy realizam uma viagem turística à Itália. No ano seguinte, nos meses de setembro e outubro, o casal refaz o roteiro, visitando as mesmas cidades. Como de costume, o escritor utiliza cadernetas para gravar sensações, descrever tipos e paisagens, anotar expressões, burilar algumas outras. Essas anotações não têm um objetivo específico. Anota como um viajante curioso, como um permanente estudante da vida e da natureza, sempre voltado pra o seu trabalho, documentando, armazenando idéias, exercitando-se no manejo da língua portuguesa.

"Arco íris proxíssimo! parece andar com o trem. Seu verde é belo - bórico - vê-se o roxo, anil. Não tem raízes, não se encosta no chão. Está do lado oeste, onde há nuvens estranhas, escuras, de trombas d'água. E cidades e aldeias sobre montes, grimpas. Do lado do mar, o sol se abaixa. Tudo claro. como o trem divide o mundo"

Grande Sertão: Veredas

CORPO DE BAILE, a partir da 3ª edição desdobra-se em 3 volumes independentes. A imagem é sugestão de capa preparada pelo próprio Rosa, com um curioso recado: "dois meninos, um deles de 7 e o outro de 8 anos, e uma cachorra". Desistiu disso depois, bem como cortou a indicação de duas novelas. Guimarães Rosa retorna ao Brasil em 51. No ano seguinte, faz uma excursão ao Mato Grosso. O resultado é uma reportagem poética: COM O VAQUEIRO MARIANO. Em 1956, no mês de janeiro, reaparece no mercado editorial com as novelas CORPO DE BAILE, onde continua a experiência iniciada em Sagarana. A partir de o Corpo de Baile, a obra de Guimarães Rosa - autor reconhecido como o criador de uma das vertentes da moderna linha de ficção do regionalismo brasileiro - adquire dimensões universalistas, cuja cristalização artística é atingida em Grande Sertão Veredas, lançado em maio de 56. Em ensaio crítico sobre CORPO DE BAILE, o professor Ivan Teixeira afirma que o livro talvez seja o mais enigmático da literatura brasileira. As novelas que o compõem formam um sofisticado conjunto de logógrafos, em que a charada é alçada à condição de revelação poética ou experimento metafísico. Na abertura do livro, intitulada CAMPO GERAL, Guimarães Rosa se detém na investigação da intimidade de uma família isolada no sertão, destacando-se a figura do menino Miguelim e o seu desajuste em relação ao grupo

familiar. Campo Geral surge como uma fábula do despertar do autoconhecimento e da apreensão do mundo exterior; e o conjunto das novelas surge como passeio cósmico pela geografia rosiana, que retoma a idéia básica de toda a obra do escritor: o universo está no sertão, e os homens são influenciados pelos astros.

"Mãe, que é que é o mar, mãe? Mar era longe, muito longe dali, espécie de lagoa enorme, um mundo d'água sem fim. Mãe mesma nunca tinha avistado o mar, suspirava. 'Pois mãe, então o mar é o que a gente tem saudade?'

Do estado de sonho ao estado de vigília

Trecho inicial da aula do Prof. Dr. Gilberto Safra, ministrada no curso de Pós Graduação em Psicologia Clínica da PUC-SP em 16 de setembro de 2003

A fim de que nós possamos dar conta desta sessão e das posteriores, é importante ter em mente qual foi a intervenção que Winnicott havia feito na última sessão. E a intervenção que Winnicott faz é uma referência à ausência da figura paterna na história do paciente. Se vocês voltarem a atenção para a última intervenção de Winnicott, na sessão de 24 de março, ele teria dito: Se, por um lado, ele nunca lhe deu a honra de reconhecer a sua maturidade, proibindo as relações sexuais com a sua mãe, mas ele também o privou da alegria e do prazer da rivalidade, assim como da amizade que surge da rivalidade entre homens. Então, você teve de desenvolver uma inibição geral, você não poderia sentir dor por um pai que você nunca matou.

Esta era uma frase de Winnicott em referência ao fato do paciente ter comunicado que ele não havia sofrido ou sentido pesar com a morte do pai. Winnicott não só assinala o que a ausência do pai ocasionou, mas também está emoldurando o fato de que, na medida em que não houve um pai que pudesse ter sido morto em fantasia, também o paciente ficou privado da possibilidade de vir a sentir pesar pela ausência do pai.

Essa foi a intervenção fundamental na sessão anterior e, dentro de todo o processo, muitas passagens foram necessárias até que Winnicott pudesse chegar ao ponto em que uma intervenção como essa coube.

A sessão de 29 de março tem como pano de fundo esse acontecimento. A sessão se inicia com Winnicott dizendo que o paciente faltou na sessão, na segunda-feira, e que o notificou pelo telefone. O paciente chega e diz: “Bem, acho difícil começar. Em primeiro lugar, não há problemas imediatos. Em segundo lugar, é curioso, mas o fato de estar com gripe parece interferir. É como se as coisas ficassem nebulosas, como se a associação livre e o relaxamento físico fossem um grande esforço, algo como um exercício físico”.

Ou seja, a verbalização do paciente é uma verbalização que enfoca o que, num primeiro momento, parece ser um acontecimento real da vida do paciente: ele está gripado. Winnicott, coerentemente, na medida em que ele leva em conta os acontecimentos da realidade na vida do paciente, interfere dizendo: “Se você está com gripe, é compreensível que não se sinta disposto para análise, trata-se realmente de um esforço”.. Ou seja, é importante observar que, nesse momento, Winnicott não interpreta o fato de que o paciente, ao fazer referência à gripe, pudesse estar escamoteando algum outro tipo de comunicação, ele não interpreta a ausência do paciente na sessão anterior. Ele está atento para o acontecimento, tanto é que ele faz uma menção ao fato de que o paciente não veio à sessão. Mas ele interfere no registro que a fala do paciente o colocou, na medida em que o paciente começa a sessão assinalando uma ocorrência – gripe – real e que dificultaria a análise. Winnicott reconhece a importância daquele obstáculo físico.

O paciente prossegue e diz: “Isso aconteceu antes. Ter uma gripe tende a encobrir o assunto principal. Sinto mais vontade de me enrolar na cama, dormir e não fazer nenhum esforço mental”. Veja que, na segunda associação do paciente, ele próprio abre a questão de que a gripe poderia encobrir um assunto significativo. É aqui, quando o paciente assinala que a gripe pode ter essa função, que Winnicott vai fazer a sua intervenção, mostrando qual o uso que o paciente poderia fazer da gripe.

Toda essa questão é importante, do momento em que Winnicott interfere, para que a gente possa ir acompanhando de que maneira Winnicott maneja a questão da apresentação de objeto. Porque dentro da concepção de apresentação de objeto, o objeto necessitado, ele é criado em um determinado tempo e em um determinado momento. E toda a questão de apresentação de objeto, diz Winnicott, é o fato de que a mãe, ou no caso aqui, o analista, se coloca exatamente ali no lugar em que o paciente o criou. No momento em que o paciente assinala que, de fato, a gripe pode estar encobrindo o assunto principal, esse é o momento em que o paciente dá a Winnicott a possibilidade de fazer a intervenção, assinalando qual o sentido que a gripe poderia ter nesse momento da análise.

Isso é importante para a gente compreender o manejo da apresentação de objeto. Winnicott não vai atrás do paciente, assinalando as defesas, antes do tempo. E quando Winnicott afirma, então, que a gripe é uma oportunidade para o paciente se retrair, ele está acompanhando o que o paciente diz, a necessidade ou o anseio que o paciente tem nesse momento de se enrolar na cama, dormir e não fazer nenhum esforço mental. Aqui também é importante lembrar algo que nós já vimos em outra sessão: a diferença entre o retraimento, para Winnicott, e regressão. O retraimento implica um voltar-se para si mesmo, em que o meio ambiente fica desprovido de sua função.

Toda a questão para Winnicott é poder caminhar o suficiente na análise para que a situação de retraimento possa vir a ser regressão. Se ela alcança o estatuto de regressão, isso significa que o setting na análise, naquele momento, pode vir a ocupar uma função significativa dentro do processo e na constituição do self do paciente. Então, Winnicott reconhece que, nesse momento, o que o paciente está assinalando é uma experiência de retração, é um retraimento. O paciente continua, dizendo: “Sinto que se estou aqui, deveria relaxar e que isto deveria ser simples, mas isso me parece um trabalho”. E Winnicott diz: “Sim, a limitação do trabalho a uma hora não é só para o bem do analista”.

A referência que Winnicott está fazendo do final da sessão é o fato de que todo o processo necessita de um fim. Winnicott nos diz o seguinte, sobre o brincar: Mesmo no jogo, mesmo a possibilidade da criança brincar, a brincadeira para ser brincadeira, precisa conter a possibilidade do fim. Uma brincadeira que não contenha a possibilidade do fim passa a ser uma experiência terrorífica. O paciente continua, dizendo: “Isso me faz imaginar qual é o tempo ideal para a sessão e qual o intervalo ideal. Será que sessões diárias significariam muita frequência e pouca eficácia para a análise?” Ele põe a questão: qual é o tempo necessário que ele necessita? Winnicott diz: “Você não veio ontem por causa da gripe?” Ele pergunta, ele não infere, ele pergunta. O paciente diz: “Não, não foi por causa dela. Foi, simplesmente, porque havia um caso especial que precisava ser atendido. A gripe ainda não havia começado. Nós falamos sobre assuntos imediatos e é difícil voltar para os assuntos mais profundos. Eu não consigo voltar ao que interessa. É como quando se acorda uma criança de um sonho e ela fica aborrecida, porque é muito difícil voltar ao sonho”.

O paciente está dizendo que a experiência analítica para ele se equipara ao sonho. Esta é uma primeira conexão.. É diferente fazer análise como sonho e fazer análise em estado de vigília. O que ele coloca é que se as sessões se equiparam ao sonho. Todo processo de finalização de sessão, com a separação entre ele e o analista, implica esse acordar do sonho. É fundamental, do ponto de vista da evolução do self, que o indivíduo tenha a capacidade de sonhar, como de sair do sonho e de voltar ao sonho...